

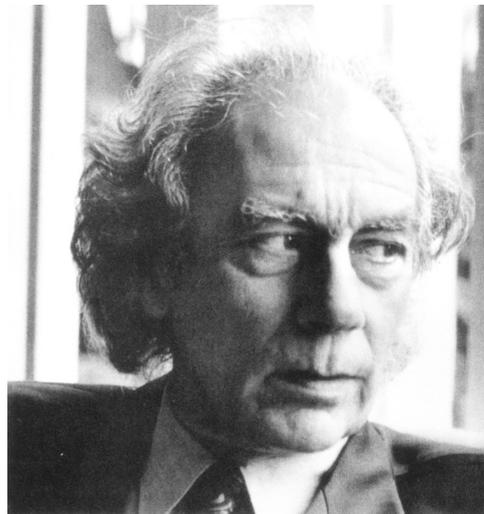
# O poeta e o equívoco

Adílson Citelli

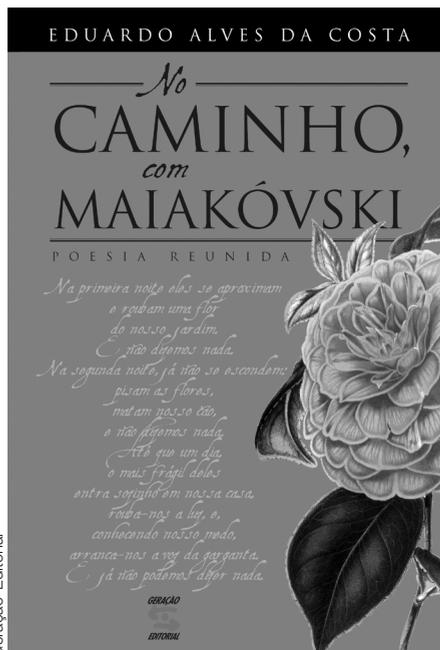
Professor livre-docente no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP  
e chefe do Departamento de Comunicações e Artes.

E-mail: citelli@uol.com.br

O poeta desta edição, Eduardo Alves da Costa, nasceu em Niterói (RJ), no dia 6 de março de 1936. Em 1952 concluiu o curso de Direito, na Universidade Mackenzie, na capital paulista. Organizou, em 1960, no Teatro de Arena, em São Paulo, uma das mais instigantes atividades culturais do período, as *Noites de Poesia*, em que se divulgavam jovens poetas como Álvaro Alves de Farias, Carlos Soulié do Amaral, Clarisse Jacq, Délia Beru, Ignácio da Silva Telles, João Vella de Carvalho, Juca de Oliveira, Liane Mattar, Márcio Mattar, Mário Gruber, Maurício Beru, entre outros. Publicou romances, contos, crônicas e o volume de poemas *No caminho, com Maiakóvski*<sup>1</sup>, do qual se extraiu o texto homônimo, *dado à luz*, originalmente, nos anos 1960, e apresentado a seguir. Continua produzindo literatura e exercendo atividades jornalísticas.



Geração Editorial



Geração Editorial

Durante muito tempo, o mais conhecido poema de Eduardo Alves da Costa, *No caminho, com Maiakóvski*, marcado por um claro sentimento de revolta à intolerância e à violência impostas pela ditadura militar, foi envolvido em uma série de equívocos quanto à atribuição de autoria. Para alguns, o texto havia saído da pena do grande poeta russo Vladimir Maiakóvski (1893-1930) – que teve o seu *A plenos pulmões* publicado pela revista *Comunicação & Educação*, número 3, ano X. Para outros, o verdadeiro autor da pequena obra-prima era o dramaturgo alemão Bertold Brecht (1898-1953).

Curiosamente, graças à telenovela *Mulheres Apaixonadas*, de Manuel Carlos, levada ao ar em 2003 pela TV Globo, na

1. COSTA, Eduardo Alves da. *No caminho, com Maiakóvski*. São Paulo: Geração Editorial, 2003. 288 p.

qual uma personagem dizia parte do poema escrito pelo brasileiro, a questão da autoria foi retomada, e desfeito o mal-entendido. É interessante, nesse aspecto, acompanhar a entrevista concedida por Eduardo Alves da Costa ao jornal *Folha de S. Paulo*, em 20/9/2003:

#### Um Maikóvski no caminho

Foi resolvida graças à novela das oito uma confusão de 30 anos. Escrito nos anos 60 pelo poeta fluminense Eduardo Alves da Costa, 67, o poema “No caminho, com Maikóvski” era (quase) sempre creditado ao russo.

Em “Mulheres Apaixonadas”, Helena (Christiane Torloni) leu um trecho do poema, dando o crédito correto. Foi o suficiente para reavivar a polêmica – resolvida dois capítulos depois, em que a autoria de Costa foi reafirmada – e, de quebra, fazer surgir uma proposta de reeditar o poema, para aproveitar a exposição no horário nobre.

**Folha:** Você se arrepende de ter posto Maikóvski no título?

**Eduardo Alves da Costa:** De maneira nenhuma! Tanto que vou usar o mesmo título para o livro que sai agora.

**Folha:** Durante mais de 30 anos acreditaram que o poema era dele. Isso não o incomoda?

**Costa:** Era uma enxurrada muito grande. Saiu em jornais com crédito para Maikóvski. Fizeram até camisetas na época das Diretas-Já. Virou símbolo da luta contra o regime militar.

**Folha:** Como surgiu o engano?

**Costa:** O poema saiu em jornais universitários, nos anos 70. O psicanalista Roberto Freire incluiu em um livro dele e deu crédito ao russo e me colocou como tradutor. Mas já encomendei da França a obra completa do Maikóvski. Quando alguém me questionar, entrego os cinco volumes e mando achar o poema lá.

A passagem atribuída ora a Maikóvski, ora a Brecht é a seguinte:

Na primeira noite eles se aproximam  
e roubam uma flor do nosso jardim.  
E não dizemos nada.  
Na segunda noite, já não se escondem:  
pisam as flores,  
matam nosso cão,  
e não dizemos nada.  
Até que um dia,  
o mais frágil deles  
entra sozinho em nossa casa,  
rouba-nos a luz e,  
conhecendo nosso medo,  
arranca-nos a voz da garganta.  
E já não podemos dizer nada.

O trecho costumava, durante os *anos de chumbo*, acompanhar cartazes de rua, ilustrações de revistas, faixas de passeatas, quase sempre associado ao poeta russo ou ao dramaturgo alemão. Vejamos, a seguir, o poema completo escrito por Eduardo Alves da Costa.

## NO CAMINHO, COM MAIAKÓVSKI

Assim como a criança  
humildemente afaga  
a imagem do herói,  
assim me aproximo de ti, Maiakóvski.  
Não importa o que me possa acontecer  
por andar ombro a ombro  
com um poeta soviético.  
Lendo teus versos,  
aprendi a ter coragem.

Tu sabes,  
conheces melhor do que eu  
a velha história.  
Na primeira noite eles se aproximam  
e roubam uma flor do nosso jardim.  
E não dizemos nada.  
Na segunda noite, já não se escondem:  
pisam as flores,  
matam nosso cão,  
e não dizemos nada.  
Até que um dia,  
o mais frágil deles  
entra sozinho em nossa casa,  
rouba-nos a luz e,  
conhecendo nosso medo,  
arranca-nos a voz da garganta.  
E já não podemos dizer nada.

Nos dias que correm  
a ninguém é dado  
repousar a cabeça  
alheia ao terror.  
Os humildes baixam a cerviz:  
e nós, que não temos pacto algum  
com os senhores do mundo,  
por temor nos calamos.  
No silêncio de meu quarto  
a ousadia me afogueia as faces  
e eu fantasio um levante;  
mas amanhã,  
diante do juiz,  
talvez meus lábios  
calem a verdade  
como um foco de germes  
capaz de me destruir.

Olho ao redor  
e o que vejo  
e acabo por repetir  
são mentiras.  
Mal sabe a criança dizer mãe  
e a propaganda lhe destrói a consciência.  
A mim, quase me arrastam  
pela gola do paletó  
à porta do templo  
e me pedem que aguarde  
até que a Democracia  
se digne aparecer no balcão.  
Mas eu sei,  
porque não estou amedrontado  
a ponto de cegar, que ela tem uma espada  
a lhe espetar as costelas  
e o riso que nos mostra  
é uma tênue cortina  
lançada sobre os arsenais.

Vamos ao campo  
e não os vemos ao nosso lado,  
no plantio.  
Mas no tempo da colheita  
lá estão  
e acabam por nos roubar  
até o último grão de trigo.  
Dizem-nos que de nós emana o poder  
mas sempre o temos contra nós.  
Dizem-nos que é preciso  
defender nossos lares,  
mas se nos rebelamos contra a opressão  
é sobre nós que marcham os soldados.  
E por temor eu me calo.  
Por temor, aceito a condição  
de falso democrata  
e rotulo meus gestos  
com a palavra liberdade,  
procurando, num sorriso,  
esconder minha dor  
diante de meus superiores.  
Mas dentro de mim,  
com a potência de um milhão de vozes,  
o coração grita – MENTIRA!